
Integrando práticas ecológicas no manejo da agricultura urbana nos países em desenvolvimento

Giovanni Galanti - giovannigalanti@virgilio.it

BioAgriCoop - Grupo Internacional de Certificação Orgânica

Foto 1: HDRA - cultivo organopônico em Havana, Cuba

Foto 2: Eric Goewie - compostagem em área urbana

Foto 3: Eric Goewie - os consumidores querem informações sobre o que estão a comer

A agricultura ecológica é bem mais do que a simples eliminação de insumos químicos, sintéticos, industrializados nas práticas agrícolas. Implica na

biodiversidade, no controle espacial, no manejo da água e dos solos, na reciclagem dos resíduos orgânicos em fertilizantes, e no controle ecológico das pragas, juntamente com um enfoque ativo, diversificado e integrado da agricultura (1).



Esse trabalho se baseia em um projeto para instalar hortas orgânicas urbanas na Tailândia. A idéia básica por trás do projeto é oferecer um enfoque relativamente novo para a agricultura urbana e periurbana. Convida as cidades dos países em desenvolvimento a considerarem as práticas ecológicas como uma resposta a seus problemas ambientais e de saúde e como uma estratégia para reduzir a pobreza e garantir a segurança alimentar (ver a experiência de Marilao, Revista de Agricultura Urbana nº 4). Cuba é um estudo de caso muitas vezes citado (ver nesta edição), onde se aplicam as técnicas ecológicas no manejo das hortas urbanas. Embora as razões da adoção de métodos ecológicos em Cuba tenham sido inicialmente causadas por "fatores externos ao país", atualmente trata-se de um experimento em grande escala que deve ser levado em consideração e do qual se pode aprender muito.

Os elementos chave do êxito em Cuba têm sido:

- vontade política;
- acesso garantido às terras públicas;
- coordenação, e não competição, no acesso aos recursos locais;
- programas concretos de apoio aos pequenos produtores;
- estabelecimento de um forte programa de extensão de técnicas agrícolas;
- insumos acessíveis e garantidos;
- forte demanda local de produtos frescos; e
- desenvolvimento de mercados de produtores e outros sistemas de venda direta.

Podemos mencionar vários benefícios:

- reforço da segurança alimentar (incluindo maior auto-suficiência e flexibilidade, e o uso de conhecimentos novos e tradicionais);
- redução da pobreza;
- manejo sustentável dos recursos;
- melhora da saúde pública;
- função demonstrativa para os produtores rurais;
- diálogo sobre os conhecimentos tradicionais e indígenas; e
- estímulo à criação de empregos de novos tipos (atividades ligadas à alimentação, turismo etc.)

O processo de transição

Um processo rápido de "transição instantânea" para a agricultura ecológica - ou para um sistema de produção mais sustentável - não é nem prático nem possível. Hill (1985) nos apresenta três etapas para o processo de transição:

1. Melhoria da eficiência das práticas convencionais, buscando-se reduzir a quantidade de insumos químicos;
2. Substituição de insumos convencionais por insumos ecológicos. O principal objetivo dessa prática, neste nível, é minimizar os danos à saúde dos cidadãos e ao meio ambiente; e
3. Redesenho geral do agrossistema, com a introdução integrada dos princípios e dos processos ecológicos.

Se bem que as pesquisas internacionais venham trabalhando arduamente nos dois primeiros passos, não prestaram atenção para o terceiro nível da transição. Por outro lado, a maioria dos sistemas ecológicos certificados somente chega até o segundo nível. Realmente, chegar ao terceiro nível da transição deveria ser a meta final do processo de conversão.

Muitas vezes surgem discussões sobre os principais aspectos operacionais que permitam uma transição efetiva e o estabelecimento de uma rede de hortas ecológicas. As recomendações abaixo não esgotam o assunto, mas contêm condições importantes na opinião do autor.

Uma nova

cultura



Um primeiro passo, crucial, é fomentar uma nova cultura, tanto nas administrações públicas como no setor privado, com relação à importância da agricultura ecológica. Esse processo se concentraria em aspectos como a idoneidade da agricultura ecológica, a consciência ambiental, os benefícios para a saúde dos seres humanos (produtores e consumidores); os aspectos da produção; a divulgação das práticas e o desenvolvimento da comercialização dos produtos orgânicos em âmbito local e global.

É melhor proporcionar ferramentas culturais às pessoas e às organizações do que prosseguir com uma política proibitiva.

Capacitação vocacional e assistência

Uma estratégia de transição ecológica, para ser suficientemente adaptada às condições locais, requer que examinemos os principais componentes do agrossistema: manejo do solo; manejo da água; manejo de pragas e doenças; manejo dos cultivos.

A assistência técnica e a capacitação profissional devem ser oferecidas por um serviço de extensão bem organizado. Cuba nos ensinou que é importante criar um forte serviço de extensão para realizar a transição na direção das hortas urbanas ecológicas.

Disponibilidade de recursos alternativos

Um exemplo é a criação de associações público-privadas para promover centros de recursos para a agricultura urbana. Em Cuba, foram criadas as "casas de sementes" para vender insumos agrícolas.

Pontos de venda ecológicos especializados e órgãos de certificação

É



importante a criação de "pontos ecológicos" de venda de insumos e de produtos em áreas acessíveis das cidades. As barracas e feiras especializadas e as entidades de certificação oferecem importantes ganhos econômicos em termos de geração de empregos e de capacitação técnica para as populações de poucos recursos. Esses elementos são cruciais para agregar valor e sustentabilidade à rede urbana de agricultura ecológica.

Conclusões

A consciência do que significa a agricultura ecológica é fundamental para se obter uma transição responsável para esse sistema agrícola. Na prática, essa transição é facilitada, para os agricultores nos países em desenvolvimento, pelo fato de as técnicas ecológicas serem muitas vezes mais apropriadas para as condições locais de produção e mais acessíveis (mais baratas) para as pessoas de baixa renda. Um componente-chave para alcançar a sustentabilidade das hortas ecológicas é dar aos produtos (ao menos aos produtos destinados à venda) um valor de mercado adequado, por meio de um processo de certificação que garanta sua qualidade orgânica e seu valor agregado.

As técnicas ecológicas na agricultura urbana gerarão mais benefícios do que as técnicas convencionais, especialmente em termos de segurança alimentar,

redução da pobreza, saúde pública e manejo sustentável dos recursos.

Finalmente, a transição para a agricultura ecológica urbana representará um importante exemplo para o setor agrícola local e rural, e pode promover maior aceitação de seus produtos até em nível internacional.

Adoção de tecnologias agrícolas sustentáveis: determinantes econômicos e não econômicos

Adaptado de Trevor Young: Global Environment Change Programme Briefings n# 21 - julho de 1998

Os problemas ambientais e econômicos associados com a agricultura intensiva convencional levam muitos agricultores a se interessarem por enfoques alternativos na produção agrícola. Porém o que os levaria, de fato, a mudarem seus métodos agrícolas?

Foi realizado um estudo com agricultores do Reino Unido, da Espanha e do Brasil para identificar os fatores que determinam como eles escolhem tal ou qual tecnologia agrícola e por que alguns adotam técnicas de produção sustentáveis. A agricultura orgânica foi escolhida como a base para a análise empírica aplicada em todo o projeto.

As principais conclusões foram:

1. as atitudes e as opiniões dos agricultores orgânicos na Espanha e no Reino Unido foram marcadamente diferentes daquelas de quem não usa métodos orgânicos, enquanto que no Brasil, essas diferenças foram mínimas.
2. Em média, o número de produtores orgânicos era menor, manejavam áreas menores, e era menos provável que dependessem exclusivamente dos rendimentos da agricultura do que os produtores convencionais. Os fatores não econômicos desempenharam um papel preponderante na decisão de se adotar um ou outro sistema nos dois países europeus, mas não no Brasil.
3. No Brasil e na Espanha, os produtores orgânicos eram geralmente melhor educados que os produtores convencionais. No Reino Unido e na Espanha, uma proporção muito mais alta dos praticantes da agricultura orgânica era formada por mulheres, e o tamanho das famílias era maior.
4. Verificou-se que as atitudes e as crenças eram cruciais no Reino Unido e na Espanha, mas não no Brasil. O gênero foi estatisticamente significativo somente no Reino Unido, onde exerceu um poderoso efeito positivo.
5. É importante focalizar nos produtores capazes de adotar práticas sustentáveis durante os primeiros 4 ou 5 anos de sua atividade agrícola. A probabilidade de que os agricultores adotem métodos orgânicos vem aumentando desde 1986 - um aumento que coincide com o estabelecimento do Serviço de Assessoria Orgânica.
6. Alguns produtores convencionais já usam muitas das técnicas típicas da agricultura orgânica - aplicando menos produtos químicos nos seus cultivos - porém ainda têm poucas das atitudes típicas na amostragem dos produtores orgânicos. É possível levar esses produtores a mudarem suas práticas agrícolas, mas só depois de serem convencidos de que a agricultura orgânica é uma opção viável do ponto de vista econômico.

Nota

- Fonte: www.oxfamamerica.org/cuba/reformingag.pdf

Referências

- Murphy C.19... Cultivating Havana: Urban Agriculture and Food Security in the Years of Crisis. Development Report 12. Oakland, California: Food First Institute, Estados Unidos.
- Sommers P and Smith J. 1994. Promoting Urban Agriculture: A Strategy Framework for Planners in North America, Europe and Asia. Cities Feeding People Report 9. www.idrc.ca/cfp/rep09_e.html .
- Woese K, D Lange, C Boess e KW Bogl. 1997. A comparison of organically and conventionally grown foods-Results of Review of the Relevant Literature. J Sci Food Agric 0022-5142/97

[Sumario Revista No.6](#)